

X SIP

X SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

A luta pelo direito à educação:
sentidos, políticas e formação docente

ISSN: 1981-30311

29/10 a 01/11/2024

MACEIÓ - ALAGOAS - BRASIL

CEDU



UFAL

O CURRÍCULO SOB A LENTE DECOLONIAL:

Uma reflexão a colaboração intercultural nos componentes curriculares

Lidiane Soares Costa

Lidiane.costa@delmiro.ufal.br

Tamires Layane da Silva

Ufal

Tamires.layane@delmiro.ufal.br

Yada Maria Pereira dos Santos

Ufal

Yada.santos@delmiro.ufal.br

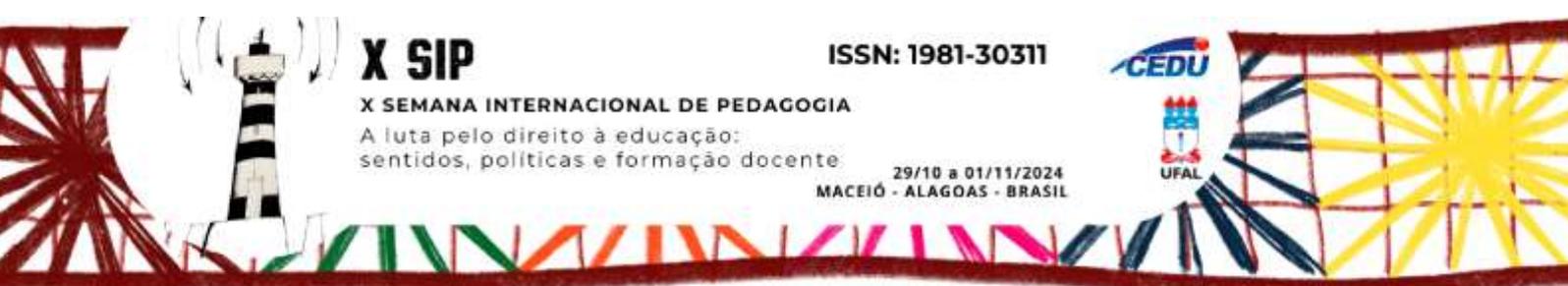
1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a discussão sobre o currículo escolar tem ganhado destaque, especialmente no que se refere às críticas às suas bases coloniais e eurocêntricas. O currículo, frequentemente padronizado e desconectado da realidade local, reforça relações de poder desiguais ao silenciar saberes e culturas de grupos marginalizados.

Nesse contexto, o movimento decolonial emerge como uma abordagem crítica que busca romper com essa hegemonia, valorizando o conhecimento produzido por esses grupos. A formação humana, central nesse debate educacional contemporâneo, está ligada aos diversos elementos que estruturam essa educação, pois é por meio dela que uma sociedade afirma suas raízes e transmite, de geração em geração, sua cultura e memória histórica.

.Diante desse cenário, este estudo surgiu de indagações realizadas no grupo de estudo e pesquisas sobre currículo, práticas pedagógicas e modernidade (GEPEC) a fim de refletir sobre o tema e questionar como podemos aprender com a diversidade? E De que forma é possível construir um currículo decolonial que atue como ferramenta para superar os valores da colonialidade e promover uma educação antirracista?

2. OBJETIVOS



O objetivo deste estudo é analisar o currículo escolar sob a perspectiva decolonial, com foco na promoção da colaboração intercultural nos componentes curriculares. Busca-se compreender como a integração de saberes locais e tradicionais, aliados a práticas pedagógicas críticas, pode contribuir para a desconstrução de paradigmas coloniais no ambiente escolar.

3. METODOLOGIA

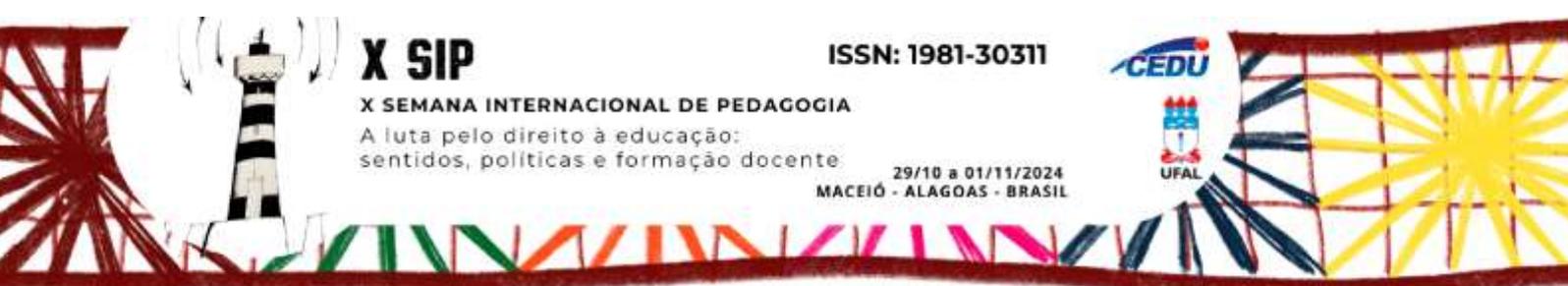
A metodologia adotada para este estudo é de natureza bibliográfica, fundamentando-se na análise de obras e artigos acadêmicos que discutem o currículo decolonial e a colaboração intercultural. Segundo Marconi e Lakatos (2010), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador explorar diferentes abordagens teóricas já estabelecidas, proporcionando uma visão ampla e crítica sobre o tema em questão.

Dessa forma, foram selecionadas referências que abordam a decolonialidade no contexto educacional, com o objetivo de refletir sobre as práticas pedagógicas que favorecem a inclusão de saberes tradicionais e a valorização da diversidade cultural nos componentes curriculares.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As instituições escolares jesuíticas, fundadas no Brasil em 1549, estabeleceram um modelo educacional fortemente baseado nos valores coloniais europeus, desconsiderando a rica interculturalidade presente no território brasileiro. Esse sistema de ensino, moldado por uma visão homogênea e eurocêntrica, perdurou por séculos, consolidando-se como a base de uma educação que ignorava as especificidades culturais dos povos indígenas e africanos.

Mediante o século XXI, ainda é notório práticas pedagógicas que dialogam com essa narrativa das instituições. Como aponta Souza (2018), "a educação jesuítica tinha como objetivo a conversão e a aculturação dos povos nativos, impondo-lhes uma visão de mundo cristã e europeia, em detrimento dos saberes locais". Esse modelo colonial persiste em diversas formas no currículo contemporâneo, mantendo, muitas vezes, um distanciamento das realidades multiculturais que compõem a sociedade brasileira.



Essa classificação, originada no período colonial, continua sendo perpetuada pela colonialidade. Conforme aponta Gomes (2018), embora esteja presente em todos os espaços e sujeitos, sua atuação é mais incisiva em determinados contextos, como nas escolas de educação básica e na produção científica. Nessas esferas, "a colonialidade opera, entre outros mecanismos, por meio dos currículos" (GOMES, 2018, p. 227), evidenciando como o currículo escolar ainda reforça estruturas e ideologias coloniais.

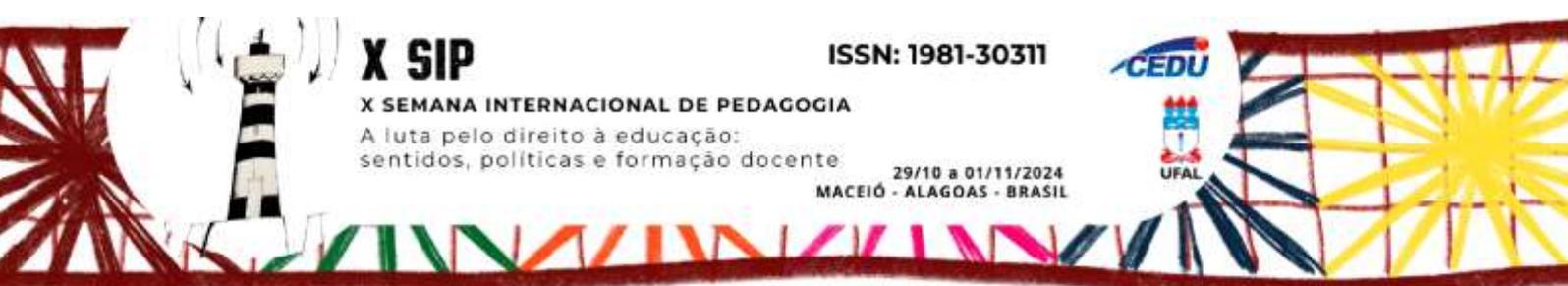
Diante desse cenário, é importante pensarmos a abordagem decolonial, haja vista que a partir dessa lente, lançamos luzes a uma sociedade que leva em consideração o seu entorno. Conceber o currículo como um conjunto de experiências de aprendizagem planejadas implica, necessariamente, a seleção de conteúdos que serão incluídos, enquanto outros serão excluídos da grade de estudos. Essa escolha é uma ação humana, e, mais que isso, uma manifestação orientada por ideologias.

Decolonizando os componentes curriculares

A decolonização dos conteúdos curriculares exige uma reformulação profunda das abordagens tradicionais, promovendo a inclusão de diferentes perspectivas epistemológicas e dando espaço aos saberes historicamente marginalizados. Esse processo envolve repensar o que é ensinado, valorizando as vozes e histórias de povos indígenas, afrodescendentes e outras culturas que compõem a sociedade, desafiando a hegemonia do conhecimento eurocêntrico.

No caso das aulas de História, por exemplo, é fundamental ir além da narrativa europeia da "descoberta" das Américas, incluindo relatos e interpretações dos povos indígenas e africanos, que muitas vezes apresentam a colonização como um processo violento e marcado por resistência. Autores como Galeano (2020), em *As Veias Abertas da América Latina*, e Santos (2009), com sua proposta da Ecologia dos Saberes, destacam a importância de incorporar novas vozes e narrativas ao currículo. Como afirma Santos:

"A decolonização do conhecimento não se limita à inclusão de novos conteúdos no currículo, mas demanda a criação de condições para que diferentes epistemologias possam interagir em condições de dignidade e reciprocidade" (SANTOS, 2010, p. 36).



Essa reflexão sublinha que a simples introdução de novas narrativas não é suficiente. É essencial criar um ambiente em que diversas formas de saber possam dialogar em condições de igualdade, assegurando que esses conhecimentos sejam reconhecidos e respeitados na educação formal.

Na disciplina de Literatura, por sua vez, além do estudo dos clássicos europeus, a decolonização pode ser promovida pela inclusão de escritores africanos e indígenas, como Conceição Evaristo e Daniel Munduruku. Suas obras oferecem uma visão crítica sobre a realidade brasileira e suas raízes plurais. Como Bento (2002) aponta, é imprescindível questionar o cânone literário, ampliando-o para incluir outras perspectivas e modos de ver o mundo.

No campo das Ciências, a decolonização implica repensar as fontes de conhecimento e as práticas tradicionais. Walsh (2009) propõe a inclusão de saberes ancestrais e indígenas, como a medicina natural e as práticas de sustentabilidade ambiental, no currículo. Essa integração promove uma educação que dialogue tanto com o contexto local quanto global, abrindo espaço para epistemologias alternativas que reconhecem o valor dos saberes locais. Nesse contexto, Santos observa:

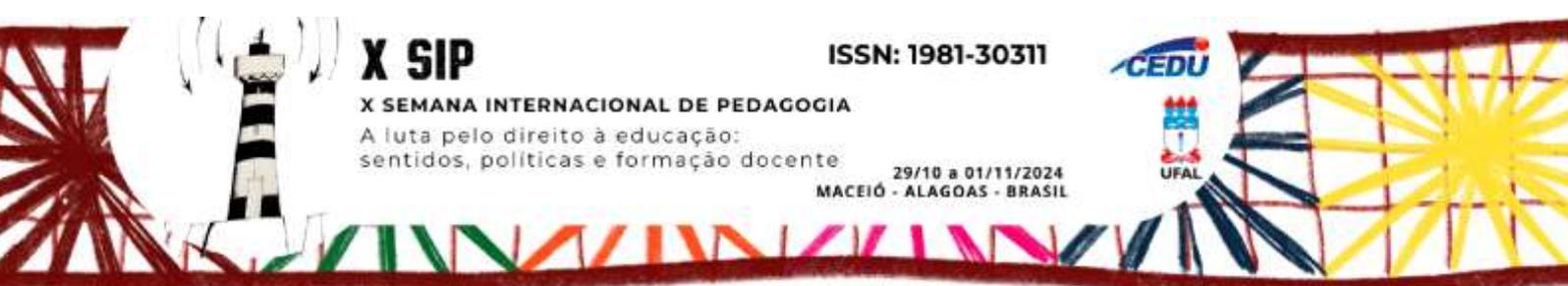
"A ecologia dos saberes desafia a monocultura do conhecimento científico moderno e propõe o reconhecimento de outros modos de saber que têm sido historicamente desprezados e subalternizados" (SANTOS, 2007, p. 33).

Isso reforça a urgência de transcender os limites impostos pela ciência ocidental, integrando saberes ancestrais e tradicionais que foram, por muito tempo, negligenciados nos currículos escolares.

Ao incorporar diferentes formas de conhecimento e práticas culturais no currículo, estamos promovendo uma educação mais inclusiva e representativa. Esse processo contribui para o reconhecimento e valorização da diversidade de saberes, resultando em uma formação mais abrangente, contextualizada e que reflete, de forma mais fiel, a realidade dos alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário de críticas às bases coloniais e eurocêntricas do currículo escolar, é essencial aprender com a diversidade ao integrar diferentes perspectivas culturais e epistemológicas no processo educativo. A construção de um currículo



decolonial envolve a inclusão de saberes e práticas marginalizadas historicamente, como os conhecimentos indígenas e afrodescendentes, proporcionando uma abordagem mais representativa e equitativa.

Para superar os valores da colonialidade e promover uma educação antirracista, é fundamental revisar os conteúdos e metodologias tradicionais, adotando práticas pedagógicas que valorizem e respeitem a diversidade cultural. Isso pode ser alcançado ao incorporar narrativas e saberes alternativos nas disciplinas, como História, Literatura e Ciências, desafiando a hegemonia do conhecimento eurocêntrico e promovendo uma formação mais inclusiva. Como destaca Santos (2009), "a construção de um conhecimento verdadeiramente inclusivo requer o reconhecimento e a valorização dos saberes diversos, rompendo com as estruturas de poder que perpetuam a colonialidade".

Assim, um currículo decolonial não apenas reflete a pluralidade de conhecimentos, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, preparando os alunos para uma realidade global diversificada e promovendo uma educação que verdadeiramente respeita e celebra a diversidade.

6. REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. Ideologia e currículo. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006

Bento, Maria Aparecida Silva. *Branqueamento e Branquitude no Brasil*. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

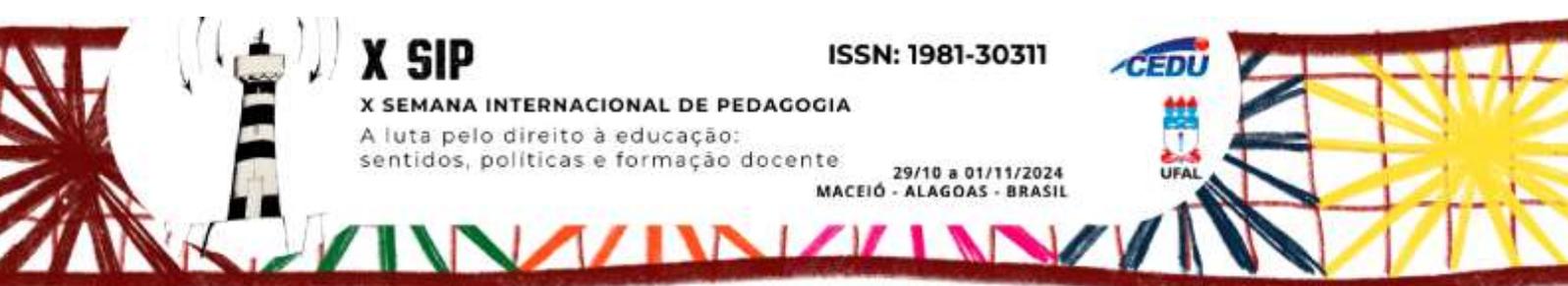
FRANÇA, E. N.; PIASSA, Z. A. C. Um currículo decolonial ou a decolonialidade no currículo: uma análise preliminar. In: CARVALHO, A. B. (org.). Educação, ética, interculturalidade e saberes decoloniais. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 253-272.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: L&PM, 2020.

Galeano, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOBBSAWM, E. *Viva la revolución: a era das utopias na América Latina*. Org. Leslie Bethell. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

LOSURDO, D. *Colonialismo e luta anti-colonial: desafios da revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2020.



MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

QUIJANO, A. Cuestiones y horizontes: de la dependencia históricoestructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: CLACSO; Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "A gramática do tempo: para uma nova cultura política." Editora Cortez, 2009.

Santos, Boaventura de Sousa. *A Ecologia dos Saberes*. São Paulo: Cortez, 2009

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para Além do Pensamento Abissal: Das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes*. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 78, p. 3-46, 2007.

Walsh, Catherine. *Interculturalidade, descolonização e aprendizagem*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Aprender com o Sul: diversidade e cidadania*. São Paulo: Cortez, 2009.